



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DAS ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

VICTÓRIA INÊS OLIVEIRA DE SOUZA

**CARTOGRAFIA DA HISTÓRIA DE VIDA DE MINHA MÃE, COM
BASE NA PERSONAGEM ZECA, NA DRAMATURGIA “ZECA DE
UMA CESTA SÓ”**

BELÉM
2022

VICTÓRIA INÊS OLIVEIRA DE SOUZA

**CARTOGRAFIA DA HISTÓRIA DE VIDA DE MINHA MÃE, COM BASE NA
PERSONAGEM ZECA, NA DRAMATURGIA “ZECA DE UMA CESTA SÓ”**

Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Teatro, da Escola de
Teatro e Dança, da Universidade Federal do
Pará, como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciado(a) em Teatro.

Orientador(a): Prof^a Dr.^a Andréa Bentes Flores

BELÉM
2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

S729c Souza, Victória Inês Oliveira de
Cartografia da história de vida de minha mãe, com base na personagem Zeca, na dramaturgia “Zeca de uma cesta só” / Victória Inês Oliveira de Souza – 2022.

Orientadora: Profª Dr.ª Andréa Bentes Flores

Artigo (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de Licenciatura em Teatro, Belém, 2022.

1. Teatro – aspectos sociais. 2. Dramaturgia. 3. Memória. 4. Mulher negra. I. Título.

CDD - 23. ed. 792.098115

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO


ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

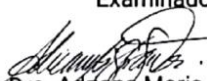
Ao vigésimo primeiro dia do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e dois, às dezenove horas, reuniu-se de forma online, a Banca Examinadora composta pelos professores: Prof.^a Dra. Andréa Bentes Flores (Orientadora e Presidente), Prof.^a Dra. Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida (Examinadora) e Prof.^a Dra. Adriana Maria Cruz dos Santos (Examinadora), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria da aluna Victória Inês Oliveira de Souza, intitulado: **Cartografia da história de vida de minha mãe, com base na personagem Zeca, na dramaturgia "Zeca de Uma Cesta Só"**. Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi aprovado com conceito excelente com as seguintes observações (apontadas na defesa) e após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, será assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

Belém, 21 de dezembro de 2022


Prof.^a Dra. Andréa Bentes Flores
Orientadora e Presidente da Banca


Prof.^a Dra. Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida
Examinadora


Prof.^a Dra. Adriana Maria Cruz dos Santos
Examinadora

CARTOGRAFIA DA HISTÓRIA DE VIDA DE MINHA MÃE, COM BASE NA PERSONAGEM ZECA, NA DRAMATURGIA “ZECA DE UMA CESTA SÓ”¹

Victória Inês Oliveira de Souza²

RESUMO: Este artigo tem como intuito cartografar aproximações entre a história ficcional da personagem Zeca, do espetáculo “Zeca de uma Cesta Só” e a história de vida de minha mãe, Márcia, ambas mulheres negras e empregadas domésticas. Faço isso a partir de uma perspectiva política e social acerca dessas mulheres e da herança histórica de escravidão no Brasil, que designa às escravas negras papéis até certo ponto semelhantes aos das empregadas domésticas atualmente. Falo ainda sobre a importância do teatro como potência de representação de camadas sociais, ficcionalizando histórias reais de corpos marginalizados pela sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Zeca; empregada doméstica; mulher negra; mãe; dramaturgia; teatro.

¹ Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Teatro, da Escola de Teatro e Dança, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado(a) em Teatro. Orientador(a): Dr^a Andréa Bentes Flores

² Graduanda em Licenciatura em Teatro; integrante dos Grupos de Teatro “Trupe Teia” e “Zecas Coletivo de Teatro”.

INTRODUÇÃO

*Passos lá fora em ritmos indefinidos
As crianças brincam na quadra
A bola corta o ar no gramado
Os carros fazem fila
E ela dentro do ônibus
A caminho do Sr., da Sra., das crianças
A caminho da roupa pra lavar
Da roupa pra passar
Da comida pra fazer
Passos lá fora em ritmos indefinidos
Chuva de fim de tarde
Copos batendo um no outro na esquina
“um brinde a vida!”
Uma marcante toca na rua
Os vizinhos dançam
E ela chega em casa
Aliviada
Venceu mais um dia.
(Victória Souza)*

No ano de 2018, tive como meu primeiro trabalho de atriz o espetáculo “Zeca de uma cesta só” do Zecas Coletivo de Teatro, que fala sobre a vida da Zeca: uma mulher preta, periférica, mãe e empregada doméstica. O espetáculo retrata a vida dessa personagem abordando o descaso, o racismo e a invisibilidade dessa mulher na sociedade. E foi a partir desse espetáculo épico³ que surgiu o meu objeto de pesquisa, que é retratar parte da vida dessas mulheres que também são empregadas domésticas, discorrendo sobre a herança desse trabalho que vem de um período escravocrata, e a importância da relação do teatro para com essa classe.

Nesta pesquisa desenvolvida a partir da cartografia, me debruço não só enquanto pesquisadora, mas também sendo agente que se coloca enquanto pesquisa juntamente com o objeto apresentado aqui. A cartografia em artes opera em campos e territórios, e no meio deles se encontra a pesquisadora que fica transitando em meio ao seu objeto, criando um território que se faz enquanto eu o percorro em pesquisa. Logo, esse território não pré-existe, ele se torna existente a partir do momento em que a cartografia acontece. Além disso, o mapa pode ser

³ Dentre outras especificidades, o teatro épico é um gênero teatral que preza pela narrativa direta entre atores e público, como função didática pra que assim o público possa entender e refletir sobre sua condição humana e em sociedade. Apresentando rupturas de tempo entre as cenas, e colocando o ator como um crítico das ações do personagem representado e como um agente da história (ROSENFELD, 1985, p. 175).

acessado em qualquer ponto, aberto, disponível às conexões (PASSOS; BARROS, 2010; DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Minha mãe não é a personagem Zeca. Assim como Zeca não é minha mãe. As aproximações sou eu quem estabeleço nesta pesquisa, inventando um território. Essa comparação, entretanto, não é gratuita, há linhas que tornam possível esse encontro, linhas fincadas na realidade social e histórica brasileira. Portanto, há conexões que vêm antes e depois deste trabalho. Minha cartografia está, assim, no meio e disponível a outras conexões.

“Cartografar é perceber a pesquisa através da experiência, do devir, de estar aberto ao encontro e trazer isso à tona, de maneira poética” (RICHTER; OLIVEIRA, 2017, p. 32).

O objetivo geral do trabalho é cartografar aproximações entre a história ficcional da personagem Zeca, do espetáculo “Zeca de uma Cesta Só” e a história de vida de minha mãe, Márcia, ambas mulheres negras e empregadas domésticas, assim como os objetivos específicos são: analisar a personagem dramática Zeca enquanto reflexo da realidade social brasileira; mapear aspectos da história de vida de minha mãe relevantes para a aproximação com a personagem Zeca; discutir o teatro como território possível de encontro entre a realidade social e a ficção, envolvendo mulheres negras e empregadas domésticas.

A cartografia é um “desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação da paisagem”. Tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para o cartógrafo, é bem-vindo. Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas. Por isso o cartógrafo serve-se de fontes as mais variadas, incluindo fontes não só escritas e nem só teóricas. Este é o critério de suas escolhas: descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender (ROLNIK, 1989, p. 15).

Utilizei para essa pesquisa entrevistas com a minha mãe, com a atriz Brenda Lima, com Léo Ferreira que é um dos dramaturgos do espetáculo “Zeca de uma Cesta Só”, assim como a leitura da dramaturgia “Cesta e Sábado”, de algumas cartas da minha mãe, além de outros textos teóricos, artigos, jornais, e meios eletrônicos.

Esse artigo apresenta diversas formas de escritas, onde explano sobre os temas principais do trabalho de forma mais teórica, onde mergulho falando sobre a trajetória de vida de minha mãe, e também mergulho pra falar sobre a vida da Zeca. Mas também em alguns momentos eu mergulho em mim, junto a elas e a tudo que está sendo exposto nesta presente pesquisa. Em alguns momentos essa escrita vai se expandir, sem se preocupar com a forma, ela

vai falar por si de forma livre, sem linhas, sem teorias e é lá também que vou te convidar a mergulhar comigo.

TRABALHO DOMÉSTICO E NEGRITUDE NO BRASIL OU A HISTÓRIA DE MINHA MÃE.

Aqui a Zeca tem outro nome: Márcia. 50 anos, mãe solteira de dois filhos, começou muito cedo a vida doméstica. Aos 10 anos também saiu da sua casa levada pela sua tia para Manaus, com a promessa de uma vida melhor, assim ajudando sua mãe também. Mas o que parecia tão fácil, só parecia mesmo, pois nada saiu como se esperava, nada do que a pequena Márcia tinha imaginado, e quem diria que ela teria tanta imaginação assim?

Não lembro o que se passava na minha cabeça quando eu tinha nove, dez anos, mas com certeza eu não pensava em trabalho, arrisco a dizer que minha maior preocupação deveria ser brincar o dia inteiro e comer doces, não seria essa a maior preocupação que uma criança deveria ter?

O trabalho surge como imposição de vida que afeta e determina drasticamente o fim da infância, independentemente da idade que se tenha, e, também, o fim da escola como lugar de aprendizagem, já que sempre há que se optar – ou estuda ou trabalha. A opção, na verdade inexistente, pois, para o negro brasileiro, o trabalho se faz inevitável (GUSMÃO, 1997, p. 69).

Era muito danada, a tia dizia, e a mãe lá em Belém não estava muito bem com uma gravidez difícil, aqui nossa protagonista não estava feliz com a promessa não realizada, ela precisava fazer duas coisas: sair desse lugar que não estava sendo feliz, e trabalhar pra poder ajudar sua mãe e ter dinheiro pra voltar pra Belém. E assim a pequena Márcia fez. Fugiu da casa da sua tia e foi procurar emprego em casa de família, até que aos 14 anos conseguiu voltar pra Belém e chegando aqui não parou mais de trabalhar.

Mesmo trabalhando, conseguiu concluir o ensino médio, e mesmo tendo duas gestações, nunca deixou de trabalhar, quer dizer, deixou no período da licença maternidade, onde conseguia amamentar o dia inteiro e cuidar das crianças. Além de mim, minha mãe tem um filho, o Victor, que é um ano mais velho que eu, somos irmãos de pais diferentes, não fomos criados juntos, até porque antes de eu nascer, a avó do meu irmão tomou a guarda dele da minha mãe, como ela vivia trabalhando, eles alegaram que a mamãe não conseguiria cuidar do meu irmão, e nem proporcionar uma qualidade boa de vida pra ele, sendo assim, eles acabaram por

ganhar a causa, e naquele dia minha mãe perdeu seu filho. Perdeu pra fome, pra necessidade e pro dinheiro.

O trabalho como empregada doméstica foi uma recorrência na vida das mulheres negras não se configurando, em alguns casos, apenas como porta de entrada para o mercado de trabalho, mas como a única forma possível de ocupação oferecida a essas mulheres. Existe historicamente uma precariedade estrutural do trabalho doméstico, no país, com trabalhadoras que foram colocadas imersas em proletariedade extrema, à margem da regulação salarial estatal. Sendo assim o trabalho doméstico contém, em si, a síntese da dominação, na medida em que articula a tríplice opressão secular de gênero, raça e classe (PEREIRA, 2011, p. 4) .

Márcia Simone é minha mãe.

E até hoje é empregada doméstica. Não sei muito os detalhes sobre a vida de mamãe porque ela não costuma falar muito, tive que instigar e persistir pra saber sobre as coisas, e mesmo ela por vezes negando ou questionando o porquê de eu querer essas informações, ela acabou me contando algumas coisas, para além daquelas que eu já imaginava ou sabia.

Eu não tenho muitas lembranças de quando era pequena e minha mãe me levava com ela para o trabalho, mas lembro de algumas, que acho que foi uma das primeiras famílias que a mamãe trabalhou quando voltou pra Belém. Eu lembro de chorar muito, porque queria a minha mãe, algo assim, e uma mulher vinha e me pegava no colo e tentava me acalmar, ela me deu um ursinho de pelúcia e assim eu fui me acalmando, lembro que elas me davam presentes também, tenho na memória a lembrança de uma caixa enorme com uma boneca, e lembro deles não serem pessoas ruins, e de fato lembro que a mamãe disse que a Dr. Vanessa foi a melhor patroa que ela teve, que ela era muito legal. Foi a única vez que eu a ouvi falando assim de uma patroa.

Outra família de que me lembro foi a casa da Dona Andreia, que foi a casa onde a mamãe passou mais tempo trabalhando: 12 anos. Desde o meu fundamental até o ensino médio, convivi muito com essa família e com a Juju, a criança que a mamãe cuidava, foi durante esse período que passei por algumas situações que ela passava, assim como também presenciei ela sendo humilhada e eu não pude fazer nada.

Sempre de uma casa para outra, cuidando de até duas crianças, lavando, passando, já sofreu acidentes de trabalho, levando-a a quase morte. Passando tudo isso com uma capa da invisibilidade, não sendo vista, mas tendo seus trabalhos usados e explorados por uma classe

maior. Por muitas vezes eu a acompanhava para não ficar só, comia a comida de ontem dentro do “quarto” das empregadas, longe da vista da patroa...

Márcia é só uma das milhares de Zecas que existem e resistem em um país onde o sistema ainda é muito falho com essas mulheres que sofrem desde crianças, onde a fome pelos sonhos precisa ser abafada para alimentar a boca que diz “sim, senhor”, “não, senhor”.

ZECA: UMA HISTÓRIA *QUASE* COMO TANTAS OUTRAS

Zeca: Mulher; mãe solteira de 3 filhos (2 vivos); chefe de família; idade entre 40 e 50 anos; empregada doméstica na casa de uma família rica e tradicional, pobre e moradora de uma área igualmente pobre; veio do interior muito nova estudar e trabalhar na capital; sofre com problemas de circulação e reumatismo; É protagonista desta história (CARNEIRO et al, 2014, p.2).

Em Janeiro de 2018, fui indicada por um amigo - que faz parte do Zecas Coletivo de Teatro - para fazer um teste de elenco para o espetáculo “Zeca de Uma Cesta Só”, eram para dois personagens: um era o papel da filha da Zeca e o outro era pra ser um dos narradores do espetáculo (um narrador atuante), mas por nunca ter feito um espetáculo, fiquei bastante nervosa e não consegui nenhum dos dois papéis, porém acabei sendo chamada para participar do processo com outra personagem, e sem saber da Zeca, acabei aceitando e assim adentrando a história do espetáculo.

Até então nunca tinha visto o espetáculo, logo durante o processo, no decorrer dos ensaios, fui conhecendo e me familiarizando com a personagem principal: Zeca. Mulher preta, trabalhadora doméstica que batalha todos os dias pra conseguir dar uma vida melhor e digna pros seus filhos. A narrativa vai mostrando o cotidiano dessa personagem, alternando entre sua casa e seu trabalho e as situações que ela vai enfrentando.

“E a senhora acha que eu quis essa vida pra mim? A senhora sabe tudo o que aconteceu comigo desde que cheguei até aqui, o que eu posso fazer por esses meninos eu faço, e se eu não faço, é porque o tempo não deixa!” (CARNEIRO et al, 2014, p. 6). O espetáculo todo apesar de ser fictício, se aproxima muito da realidade: desde a cenografia, indumentária, como na forma de mostrar uma vivência de uma mulher que é empregada doméstica. Apesar de conter

cenar muito cômicas, há também cenas que mostram claramente o preconceito, o racismo, e os abusos sofridos pela personagem. É nítido todo o descaso político e social que a Zeca sofre, e é onde percebo semelhanças com uma outra história de vida. Boal fala sobre essa realidade apresentada no teatro quando diz que

Assim, quando uma realidade é apresentada no teatro - sendo o fenômeno teatral uma realidade em si mesma - a violência que existe na realidade é transposta, transfigurada e inevitavelmente algo dela permanece na sua representação teatral. Se a vida social consiste numa estrutura de violências, o teatro não está isento dessa estratificação e correlação pré-determinada. Porque o teatro é a transubstanciação cênica de um momento da vida social, contendo todas as suas contradições e conflitos (BOAL, 2004, p. 285)

Desde o modo como a Zeca ainda adolescente, teve que sair de casa em busca de um futuro melhor, até a Zeca adulta tendo que passear com o Flug: o cachorro da filha do patrão. As narrativas eram muito parecidas e logo vi que não só reconhecia aquela história como também conhecia de perto uma Zeca, mas era mais do que isso, eu sou filha de uma, e ia encenar um pouco da sua história em um palco teatral.

Quando me dei conta disso, foi muito difícil assistir algumas cenas, e não pensar que minha mãe já passou por aquilo e assim como a Zeca, sofreu calada a tantas humilhações, tudo porque a fome era muita, um prato de roupa, um prato de educação, um prato de esperança...

O corpo negro é um corpo político, ou melhor, são politizados por serem corpos marcados. Isso significa que são corpos que o tempo inteiro têm que negociar a sua existência, a sua identidade. Isso significa que de alguma forma são impregnados de identidade de negritude que faz com que carregue uma dívida por existir e de alguma forma precisa lutar por existir (DIAS, 2022).

Aquela era a primeira vez que eu ia me apresentar estando no elenco de um espetáculo, e era a primeira vez da minha mãe, na plateia me assistindo, eu não falei pra ela sobre o que era o espetáculo, então eu não sabia como ela ia reagir a tudo aquilo, mas eu estava muito ansiosa, porque eu sabia que ela sairia tocada de alguma forma.

Enquanto eu estava fora de cena, ou até mesmo em cena, conseguia ouvir suas risadas altas, até porque aquela risada, não tinha como passar despercebida, podia vê-la com a mão no rosto, claro sinal de que a emoção estava ali e ela estava tentando conter, pude vê-la séria e com um olhar de compreensão reagindo às humilhações e ao racismo que a Zeca sofria. Ao fim do

espetáculo, pude vê-la melhor e já sabia o que esperar: olhos vermelhos, assim como seu rosto todo, ela fica assim quando chora muito, me deu os parabéns, disse que gostou muito e quis tirar foto com a atriz que faz a Zeca e com o ator que interpretava a Dinda, amiga fiel de Zeca.

Nunca consegui perguntar a minha mãe o que ela sentiu ao assistir Zeca de uma cesta Só, ela sempre perguntava quando ia ter novamente, sempre dizia “É o melhor espetáculo que eu já assisti, me avisa quando tiver de novo”, e isso pra mim já bastava, ela não precisava me dizer mais nada, eu já sabia. Lendo o texto “Entre o teatro e a vida” do Augusto Boal, em que ele fala a respeito de como o método do teatro do oprimido pode ser um dispositivo de transformação social, na qual o espectador pode ser um agente atuante na ação assumindo o papel de protagonista e transformador da ação dramática, Boal fala dessa relação:

Assim sendo, o Teatro do Oprimido transita constantemente entre a vida e a ficção, entre a realidade que vivemos e aquela que podemos inventar. Entre o passado e o presente para invadir, sobretudo, o futuro (BOAL, 2004, p. 286)

Léo Ferreira é um dos dramaturgos do espetáculo “Zeca de Uma Cesta Só”, natural de Igarapé-Miri, é filho de empregada doméstica, e filho do filho do patrão, coincidência ou não, esse é o mote de partida pra a construção do que viria ser a Zeca. A história da Zeca surge através de um trabalho dentro da universidade

em um trabalho na licenciatura em teatro em “Tópicos Especiais em Antropologia do Teatro”, foi solicitado um trabalho, e eu tava sem nada na cabeça pra fazer, mas era dezembro e eu sabia que um grupo grande ai, uma empresa, ia fazer uma doação para a comunidade de cestas básicas (FERREIRA, 2022).

De forma que ele tivesse a oportunidade de colocar parte da sua vida, da sua trajetória, não somente nos palcos através do teatro, mas como também uma forma de levar sua comunidade para dentro das portas da universidade, para que ela assim pudesse se expandir a ponto de quebrar com os muros acadêmicos, criando pontes e abrindo também espaço para a comunidade dentro da academia.

“Eu já tinha feito uma licenciatura em geografia, mas nunca tinha levado a minha vida pra dentro da universidade, e dentro do teatro pude fazer isso, o teatro me deu possibilidade de levar minha comunidade pra dentro da academia” (FERREIRA, 2022).

Depois que o trabalho foi apresentado em sala de aula, surgiu o edital do GTU (Grupo de Teatro Universitário), que é um projeto de extensão da Universidade Federal do Pará, dentro da Escola de Teatro e Dança, ele escreveu o projeto e acabou por sendo o único projeto inscrito e então aprovado, inicialmente foi escrito como “Cesta e Sábado” fazendo alusão ao dia que ele viu as distribuições das cestas básicas na comunidade do Riacho Doce, que era onde ele morava: “quisemos falar da maneira mais simples, didática, pedagógica, tanto pra formação de plateia, e ai é fundamental que eu fiz teatro para o público, não fiz teatro para gente de teatro, por isso a linguagem é muito simples” (FERREIRA, 2022)

Falando sobre as potencialidades que o teatro tem de debater, discutir, denunciar e sensibilizar acerca de temáticas sociais, e ainda sobre a escolha da linguagem para abordar sobre, Léo Ferreira relata:

eu fiz pensando na minha mãe, que um dia ela veria, mas eu sei que ela nunca vai ver nenhuma peça, porque ela é uma evangélica fundamentalista, mas eu faço sempre pensando nela e nas pessoas como ela, que nunca foram ao teatro, e que iriam ao teatro pela primeira vez e conseguiriam entender (FERREIRA, 2022).

Sobre a construção da personagem principal do espetáculo, entrevistei Brenda Lima, atriz que interpreta a Zeca desde sua primeira apresentação lá em 2014, até então nunca tinha feito teatro, foi acompanhar uma amiga e acabou ficando para o ensaio, não tinha sido cogitada pra fazer a Zeca, até que na preparação de elenco, ela acabou sendo escolhida pro papel. Nunca irei esquecer que quando eu entrei no processo anos depois, ficava muito incomodada e emocionada com a história da Zeca, até que teve um dia em que eu disse à Brenda com lágrimas nos olhos que aquilo me deixava mal porque eu era filha de uma Zeca, e ela me abraçou dizendo “eu sei, eu também sou”.

Pra eu preparar a Zeca, pra eu entender também como ela poderia ser, a Gisele (preparadora de elenco) foi fundamental, eu enxergava muito da minha mãe e de uma tia minha na Zeca, assim como muita coisa minha. Ai foi esses três elementos: minha mãe, minha tia e eu, pra compor essa personagem, que era a forma que eu a enxergava. Eu não via ela meiga, eu via ela da forma como eu entreguei (LIMA, 2022).

Brenda não só é filha de uma Zeca, como também já foi uma, apesar de contar que ainda foi muito privilegiada em alguns trabalhos, ainda sim não deixou de passar por situações que a personagem e a própria mãe passaram, ainda sobre a construção da personagem, ela diz que se baseou muito na sua mãe também:

Eu vejo essa situação (de representar sua mãe) como espelho de várias situações: o primeiro é que a Zeca quando vai pra capital, é uma situação que também aconteceu na minha vida, minha vida teve outros caminhos pra se seguir, mas começou desse jeito, eu fui pra Belém (sou de Abaetetuba) com uma proposta de estudar, crescer na vida e quando chegou lá (Belém), eu vi que tinha que trabalhar, que eu tinha que trabalhar numa casa pra eu me sustentar. Com a minha mãe, essa parte não aconteceu, ela por anos trabalhou fazendo faxina na casa dos outros, lavando roupa pra fora, e na sua grande maioria foram casas de pessoas com uma considerável classe social, porque na época que a mamãe começou a trabalhar em casa de família, que eu recordo, foi na vila dos cabanos, era um polo industrial muito grande, tinha muitos estrangeiros. Quando minha mãe foi assistir o espetáculo, ela perguntou pra mim depois de ter assistido se eu queria fazer graça com a cara dela (risos), porque tinha umas falas, uns jeitos que ela via que era dela e ela pensava que eu tinha feito aquilo no dia que ela foi assistir, e eu falei que não, que fazia todas as vezes, e ela “ah menina, quer dizer que tu me imitou, foi?”; “foi, lhe imitei, a senhora é assim mesmo”. Eu não consigo te mensurar a importância que isso tem, mas naquele momento não parecia tão gigante (LIMA, 2022).

O teatro tem nas suas variadas formas, o meio de representar, refletir, fazer do espetáculo uma ficcionalização do real, oportunizando corpos políticos a estarem à margem da visibilidade, Boal fala um pouco sobre isso quando afirma que

O teatro é instrumento libertador de ações e visões, tem objetivo de trazer à cena o ator e o não ator com vontade de dizer algo através da linguagem do teatro. [...] todo teatro é necessariamente político, porque políticas são todas as atividades do homem, e o teatro é uma delas (BOAL, 1980, p. 1)

Foi no teatro também que me vi, me entendi, me e me reconheci enquanto mulher preta, a mesma coisa também aconteceu com a Brenda, e sobre a construção da identidade negra, a psicanalista Neusa Santos Souza (2021, p. 115): “ser negro não é uma condição dada a priori. No Brasil, ser negro é tornar-se negro.” O torna-se negro como uma construção política e social, assim reverberando corporeidade e memória, e que quando esses corpos socializam dotados de identidades, são diferentes por carregarem um corpo cheio de africanidade.

A Zeca é eu, é minha mãe, é minha tia, é milhões de mulheres, porque eu não consigo colocar a Zeca dentro de uma caixa fechada pra defini-la, acho que ela consegue se expandir e alcançar muitos espaços, muitas vivências, ela tem uma força muito grande de representatividade pra mim e de autoconhecimento também, porque através da Zeca, eu me entendi como mulher negra, moradora da periferia, entendi a minha realidade quando saio do interior e vou pra capital com propostas que no fim não eram a mesma coisa, e eu sei que dentro da minha trajetória, fui muito privilegiada, muito agraciada, só que eu sei que tem meninas que fazem esse mesmo percurso que a Zequinha fez. Então ela (Zeca) tem uma importância muito grande na arte pra mim, porque foi minha primeira personagem, ela faz parte do primeiro espetáculo que eu pude compor o elenco, me fez olhar pro teatro e conseguir me apaixonar, me entregar. Enfim, eu não consigo definir com uma palavra ou com um único caminho, eu acho que ela é abrangente demais pra eu fazer isso (LIMA, 2022).

ENTRE MÁRCIA E ZECA: APROXIMAÇÕES EM LINHAS DE TENSÃO

(Zeca acorda, desliga o despertador do celular e liga pra Fernanda).

“Zeca: - Oi Fernanda, desculpa! Não esqueci a chave, não. É que acordei passando mal... Até pensei em ir pra aí, mas quando cheguei na parada de ônibus me deu uma tontura, quase desmaiei. Aí eu voltei pra casa. Eu sei que vocês vão precisar de mim... Tu avisa pro teu pai que eu não vou poder ir hoje, por favor?” (CARNEIRO et al, 2014, p. 4)

Cabelos cacheados, roupas simples, sandália, deitada no chão ao lado de uma cesta básica. Essa é a primeira imagem que eu tenho da Zeca, ela nada diz, só fica ali, deitada. Depois a vejo na sua casa, simples, camas e redes, pinico, um rádio velho e seu café. O toque do despertador a acorda, chamando-a pra trabalhar, Zeca perde a hora, então inventa uma desculpa e acaba por ficar em casa, sem perder tempo ela já chama seus filhos pra levantarem, liga seu sonzinho ao máximo e começa a cantar e dançar, Zeca tem dois filhos, mas ainda tem a dor de ter perdido seu terceiro, ainda carrega isso no olhar quando se fala dele, mas mesmo com a dor da perda, ela nunca parou de trabalhar, o consolo dos patrões que recebe é o consolo que ela mesma devolve os pagando de volta.

“Zeca: - Obrigada, Fernanda. Tá, tchau! (termina a chamada). Aí, me perdoa, Jesus! (Levanta..., reclama da dor nas mãos e tenta acordar os filhos) Bora! Bora! Bora! Bora! Bora acordando! (mexendo em Beatriz Sthefany e Gabriel Sullivan) Eu num avisei pra vocês não dormirem muito tarde que a gente ia acordar cedo? Querem vida boa, é? Bora Beatriz Sthefany! Bora Gabriel Sullivan! Ainda mais tu menino que demora uma hora no banheiro! Bora que a gente tem que pegar as cestas! Ainda bem que o juiz me deu folga hoje. (olha indignada pros filhos que ainda não se levantaram). BORA, PORRA! Vocês são muito preguiçoso! Se o irmão de vocês tivesse vivo já tava lá fila pra pegar a cesta, aquele sim se importava comigo, mas foram fazer maldade com meu filho...” (CARNEIRO et al, 2014 p. 4 e 5)

Zeca ainda enfrenta os julgamentos das escolhas que fez, é julgada pela sua mãe pelas amigadas que tem, por ter uma filha adolescente grávida, pelo modo como cria os filhos, etc. Mas ela não se deixa abater, Zeca não mede esforços pela melhor criação de seus filhos, pelo

alimento que coloca na mesa e pelo modo como vive a vida. Interessante de se perceber como a mulher preta tem sempre que se esforçar três vezes mais, e como tem sempre que se justificar pelas suas ações, Zeca passa por isso cotidianamente.

A sensação do conhecer, a desconfiança do “vi de algum lugar” e o sentimento que instiga e permanece, é confusa, não sei explicar, talvez não com falas e escritas, talvez meu corpo diga. Ela não anda leve, é pesado, são passos decididos, ela não coloca os olhos no chão, está sempre enxergando além, e é exatamente assim que ela olha: rumo ao futuro. Na casa dela, é a voz dela que é a mais alta, ela que bate o martelo, ela que dá as ordens, com ela é 8 ou 80, pra ela não há tempo ruim, não há trabalho que ela não aceite. Ela está em todo lugar, ela cabe em todo lugar, ela é de todo lugar. Ela ri, chora, briga, perdoa, ela dança, ela bebe, ela faz o cabelo, ela faz a unha... Ela faz tanta coisa, Zeca é tanta coisa, mas acima de tudo ela é humana. Ela é mulher. Ela é preta.

Logo ela passa despercebida em lugares que a ela são negados, e quando é vista, sempre é com olhares de repulsa, mas Zeca inconsciente ou não, já sabe disso, sabe que nessas horas ela não cabe em certos lugares, não cabe na roupa que veste, no cabelo que tem, logo vejo os desejos que ela tem, de poder perder a barriga pra poder caber no biquíni da patroa, ou até mesmo usar o mesmo creme de cabelo da mesma, para ficar com os cabelos iguais. O espelho que ela busca, não é o mesmo que ela se vê.

Zeca passa por diversos racismos que são escancarados, de todos os tipos, de todos os jeitos. É triste de olhar e ver que ela não entende pelo que passa, mas ela sente, mesmo sem verbalizar, seu corpo diz, seu corpo mostra a violência sentida, ela fala dessas violências como se fossem cenas do cotidiano, como se todos na condição dela - de empregada doméstica - passassem por isso e acabou.

É nítido que tudo o que ela faz, é para que seus filhos não precisem passar pelo mesmo, Zeca tem sonhos, sonhos esses que talvez ela acredite não realizar, pela idade, pela profissão, não se sabe. Mas são sonhos projetados em seus filhos, neles ela vê a chance da realização de tudo aquilo que um dia ela pensou pra si. E é para eles e por eles que Zeca acorda todos os dias e sai da sua casa a caminho de outra, uma casa da qual não existe martelo, ela não dá ordens, ela não levanta a voz.

Falando de sonhos, essa mulher que sai menina da sua casa, sai em busca da promessa de uma vida melhor, ela vai em direção a esta casa que lhe promete estudo e um futuro promissor, nossa Zequinha aqui tem o sonho de ser uma artista, uma artista de televisão, novela,

cinema, mas são sonhos que vão se desmoronando quando ela vai sendo alvo de abusos físicos e mentais, aqui nossa personagem já se encontra desacreditada daquilo que lhe foi prometido, que lhe foi idealizado cegamente.

“Zeca: - Égua, eu me lembro lá do interior, quando tinha essas coisas. Ia um monte de artistas. Tu sabia que um professor meu disse que eu tinha cara de artista? Eu era bonita nessa época. Se ele me visse agora... (Introspectiva) Quando eu vim pra cá eu queria ser tanta coisa. (CARNEIRO et al, 2014, p. 13)

Zeca é uma mulher que tem fome. Fome de oportunidades, fome de sonhos, fome financeira, fome de respeito, fome de auto cuidado, fome de comida. Cada dia é dia de sobreviver perante todas as mazelas que lhe são postas em seu caminho, e é muita coisa para uma mulher enfrentar sozinha, não quero aqui romantizar e dizer o quanto é admirador e o como ela é guerreira, porque tenho a certeza que seria algo da qual ela não queria ouvir, porque na fila das oportunidades e escolhas, ela não teve vez.

Cabelos lisos, roupas simples, sandália e uma bolsa de lado. Essa é a imagem que tenho dela na maioria das vezes que a vejo, ela tem um andar lento, cansado, ela parece estar sempre cansada. Ela trabalha quase todos os dias, então é de se esperar que esteja cansada mesmo, ela anda olhando pra frente, mas às vezes tem o olhar pra baixo, seja pelos pensamentos, seja pelo cansaço, não sei. Mas independente de como esteja ela tem algo que até me incomoda às vezes, - não porque ache ruim, mas porque sei que tem pessoas que se aproveitam disso -, ela adora ajudar as pessoas, e isso ela faz com maior prazer e um sorriso no rosto, dá o jeito dela, vai lá e faz.

Para Márcia não tem tempo ruim, não há algo que não se possa fazer “quando você faz o bem, o bem volta para você” ela costuma dizer, nem parece que uma pessoa que diz isso passou e ainda passa por poucas e boas. Não sei muito do seu passado porque ela não fala, mas sei que quando ela era criança saiu de casa em busca de uma vida melhor para ajudar a sua mãe, mas chegando ao novo lar, nada era igual ao que tinha sido dito a ela, logo ela se viu em uma situação que precisava sair o mais rápido possível, então fugiu e voltou pra casa, e desde lá, nunca deixou de trabalhar na “casa dos outros”.

Conseguiu concluir o ensino médio, começou um técnico em enfermagem, mas não conseguiu se formar pois tinha que trabalhar, sempre pensando em nunca deixar nada faltar aos seus dois filhos, adiantando e talvez até desistindo dos seus sonhos em prol dos seus filhos terem um dia a oportunidade de realizarem os seus próprios.

“Zeca Jovem: - Professor, acho que eu vou pra Capital. Tem uma amiga da minha mãe que disse que eu posso morar lá. Eu vou ser quase filha adotiva dela, acho que é assim que se fala. Eu vou ter só que ajudar a limpar, fazer as coisas na casa, mas ela me disse que eu vou lá pra estudar. Ela vai comprar roupa pra mim. (Pausa) Eu tô indo pra lá pra estudar, professor, mas eu queria mesmo é ser artista, que nem aquela menina do Roque Santeiro...” (CARNEIRO et al, 2014, p. 14)

Ela tenta levantar a voz, mas por muitas vezes é silenciada, ela costuma dizer que é assim mesmo, que não adianta, “eles são assim”. Márcia tem hora para chegar naquela casa, e para além de seu dever, ela tem vários: lavar, passar, cozinhar, etc., mas não tem hora pra sair. Hoje em dia um dos seus ombros já não funciona 100% devido a uma queda que ela pegou limpando o banheiro da casa de seu antigo emprego, ela quase morreu nesse dia.

“ Zeca: - Eu tenho meus filhos pra criar. Ainda amanheci com dor desse reumatismo. Eu acho que tô só barriga... Eles nem viajaram. Ainda vão receber visita. Eu tô tendo que limpar todo canto da casa, tenho que deixar tudo polido, tu nem imagina!” (CARNEIRO et al, 2014, p. 12)

Márcia adora filmes musicais e músicas dos anos 80, ela só costuma beber quando está acompanhada de outras pessoas, ela é tímida, então dança bem pouco, adora um feijão com arroz, se jogar um ovo, é o banquete perfeito. Hoje ela pergunta qual a melhor roupa para determinada ocasião, gosta de fazer as unhas, e às vezes troca a sandália rotineira por uma sapatilha. Gosta de um bom batom vermelho, de colocar suas joias e pintar as unhas. Ela é muito família também, tem um amor incondicional pela mãe: tanto é que colocou o nome desta, como sobrenome da sua filha, e salve dona Inêz! Márcia é engraçada, parece um personagem ambulante, um pouco atriz também, dramática que só, e chora fácil a pequena...

“Narrador 1: É impressionante como com todos os seus problemas o pobre ainda acha razão pra se divertir e ser feliz. Vivendo em uma sociedade injusta, que lhe renega os restos, as sobras, o farelo, mesmo assim ele insiste em ser feliz. Aí deve estar o grande problema ou a grande solução de tudo. É difícil saber.” (CARNEIRO et al, 2014, p. 9)

Supersticiosa, ela faz um escândalo ao ver uma sandália virada, um livro aberto, a cor da calcinha importa na virada do novo ano, e a refeição mais importante do dia é a do café da manhã. Tudo para ela precisa ser na praticidade, na realização da ação e na satisfação do fazer. Tem alguns sonhos que ela fala ao vento, a casa própria é um deles, ver seus filhos formados e felizes é outro, não precisar mais ir todo dia pra casa de outras pessoas também.

“Zeca: (...) filho de pobre nasceu pra ser trabalhador e do rico pra ser doutor. O mundo é assim e pronto! Se um dia essa menina entrar numa faculdade eu digo que ai o Brasil tem jeito. Ai o Brasil vai pra frente.” (CARNEIRO et al, 2014, p. 6)

Márcia é uma mulher de 50 anos, preta, periférica, tia, filha, sobrinha, prima, amiga, irmã, namorada, mãe, empregada doméstica. Entre idas e vindas, choros e risos, humilhações e exaltações, ela lida todos os dias com o descaso, racismo, desigualdade, mas é claro que ela não sabe as nomeações para tudo isso que passa, mas já as sente na pele, as marcas no rosto estão ali pra lembrá-la disso, ela é de todo lugar, ela está em todo lugar, ela cabe em todo lugar, ela só precisa saber disso.

CONCLUSÃO

São variados os meios que o teatro usa para atingir o público sobre determinado assunto, seja esse ficcional ou real, e quando ele usa desse “ficcional-real” para falar das mazelas de um determinado grupo, o teatro torna-se um espelho e um disparador de efeitos para todos que o assistem, assim como é o espetáculo Zeca de uma Cesta Só.

Zeca ganhou tanto destaque por ter levado uma história original falando da realidade nas periferias, das relações dessa comunidade e ter colocado como centro do palco a vida comum de uma empregada doméstica. Existem milhões de outras Zecas que estão espalhadas pelo Brasil que ainda não tem sua carteira assinada, que desconhecem seus direitos, que ainda procuram por uma vida melhor, e o teatro surge como uma potencia de porta-voz dessas histórias que precisam ser conhecidas, precisam ser escritas, e eu acredito que posso começar fazendo isso a partir da minha vivência com a minha mãe.

Acredito que seja de suma importância falar dessas mulheres a partir de uma teatralidade sensível, como um meio de integração não só para elas, mas como para toda a sociedade, e o meio artístico. É importante que haja esse estudo como uma forma de transformação através de diálogos e debates entre essas personagens vivas e seus futuros espelhos.

Sendo assim começo minha pesquisa analisando a importância de como o teatro pode ser um catalisador dessa identidade entre pessoa e personagem, partindo das relações de violência social e moral, e do encontro de uma espectadora que se vê refletida em um espetáculo.

Esta pesquisa ainda está em andamento, servindo como abertura para futuros trabalhos, rompendo com as portas da universidade e criando pontes fora dela, possibilitando e acessibilizando o diálogo entre essa classe de mulheres e o teatro, utilizando da arte como meio

para manifestação política, retratando e refletindo sempre sobre o momento que estamos vivenciando.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

BORNHEIM, GERD et al. **O teatro e a cidade: lições de história do teatro**. Org. Sérgio de Carvalho. São Paulo: SMC, 2004.

CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: O pensamento de Lélia Gonzalez. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 320, setembro-dezembro/2014

CARNEIRO, Amanda et al. **Dramaturgia Cesta e Sábado**. Belém. s/p. [não publicado], 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: rizoma. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção Trans, v. 1.)

DIAS, Guilherme Soares. **Por que os negros precisam trabalhar duas vezes mais para se provar bons profissionais?** 2022. Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/quilombo/por-que-os-negros-precisam-trabalhar-duas-vezes-mais-para-se-provar-bons-profissionais> Acesso em: 10. Dez. 2022.

Dramaturgia “**Cesta e Sábado**”, Amanda Carneiro, Joan Pablo, Léo Ferreira e Rodrigo Pimentel, 2014.

FERREIRA, Leo. **Entrevista**. Enviado via áudio pelo Whatsapp. Belém, 01/12/2022.

GUSMAO, Neusa Maria Mendes de. Fundo de memória: Infância e escola em famílias negras de São Paulo. **Caderno Cedes**, ano XVIII. n. 42, outubro. 1997.

LIMA, Brenda. **Entrevista**. Enviado via áudio pelo Whatsapp. Belém, 02/12/2022.

NUNES, Lorena da Silva; BUENO, Juliana Dourado. **A humanização do trabalho doméstico sob a perspectiva do grupo Marias do Brasil**. f. Artigo. (Bacharelada em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar.) 2019.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PEREIRA, Bergman de Paula. **De escravas a empregadas domésticas – A dimensão social e o “lugar” das mulheres negras no pós – abolição**. f. Artigo. (Historiadora, formada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Especialista em gênero e raça; pesquisadora dos

temas: trabalho, raça, classe e gênero.) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PucSP, 2011.

ROSENFELD, Anatol. **O teatro épico**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

RICHTER, Indira Zuhaira; OLIVEIRA, Andréia Machado. **Cartografia como metodologia: Uma experiência de pesquisa em Artes Visuais**. f. Artigo. Paralelo 31, revista digital, ed. 8, p. 29 – 38, julho, 2017.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**. Transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

TEATRO Épico. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo617/teatro-epico>. Acesso em: 28. Dez. 2022.